

# QUANDO A ESPERANÇA SE FAZ OBSCENA

Jorge Miklos

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, horista do Instituto Freedom, Brasil

## RESUMO

Este artigo analisa o filme *O Último Pub*, de Ken Loach, à luz das questões sociais e políticas que permeiam a obra, como a precarização do trabalho, a xenofobia e a fragmentação das redes de solidariedade. A investigação examina como o filme reflete as consequências deletérias das políticas neoliberais no Reino Unido pós-Brexit, especialmente para as comunidades marginalizadas, imigrantes e trabalhadores. A pesquisa baseia-se nas reflexões de Byung-Chul Han sobre a “esperança íntima”, que emerge em meio à desesperança, e na teoria freireana do “esperançar”, que propõe uma esperança ativa e transformadora. A metodologia combina análise fílmica e fundamentos teóricos da filosofia e crítica social, estabelecendo um diálogo entre os pensamentos de Han, Paulo Freire e as representações cinematográficas de Loach. O corpus da pesquisa é o filme *O Último Pub*, com foco em dois momentos narrativos centrais: a proposta de Yara de transformar o pub em um espaço de refeições comunitárias e o diálogo entre Yara e TJ Ballantyne na catedral, onde surge a noção de “esperança obscena”. Esses momentos são examinados à luz das tensões entre inclusão e exclusão social, propondo que, mesmo em meio à fragmentação, há espaço para resistência e regeneração social. O artigo conclui que o filme de Loach oferece uma crítica contundente às políticas neoliberais, sugerindo que a participação comunitária, embora fragilizada, ainda pode ser uma forma legítima de resistência frente ao caos e à exclusão.

## Palavras-Chave:

Ken Loach; *O Último Pub*; Neoliberalismo; Esperança; Exclusão Social; Solidariedade.

## ABSTRACT

This article analyzes Ken Loach's film *The Last Pub* in light of the social and political issues that permeate the work, such as job precarity, xenophobia, and the fragmentation of solidarity networks. The investigation examines how the film reflects the deleterious consequences of neoliberal policies in post-Brexit United Kingdom, especially for marginalized communities, immigrants, and workers. The research draws on Byung-Chul Han's reflections on “intimate hope,” which arises amidst despair, and Freirean theory of “hoping” (*esperançar*), which proposes an active and transformative hope. The methodology combines film analysis with theoretical foundations of philosophy and social criticism, establishing a dialogue between the ideas of Han, Paulo Freire, and Loach's cinematic representations. The study focuses on two central narrative moments: Yara's proposal to transform the pub into a community dining space and the dialogue between Yara and TJ Ballantyne in the cathedral, where the notion of “obscene hope” emerges. These moments are examined in light of the tensions between social inclusion and exclusion, proposing that even amid fragmentation, there remains room for resistance and social regeneration. The article concludes that Loach's film provides a powerful

critique of neoliberal policies, suggesting that community participation, although weakened, can still be a legitimate form of resistance against chaos and exclusion.

**Keywords:**

Ken Loach; The Last Pub; Neoliberalism; Hope; Social Exclusion; Solidarity.

## 1 INTRODUÇÃO

“A esperança mais íntima desperta em meio à mais profunda desesperança.”  
— Byung-Chul Han, *O Espírito da Esperança*

“Triunfar na vida não é ganhar, é levantar-se e começar de novo cada vez que se cai.”  
— José Mujica

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperançar é construir, esperar é não desistir!”  
— Paulo Freire

O *Último Pub*, de Ken Loach, revela um cenário desolador do Reino Unido pós-Brexit, em que o neoliberalismo, com suas políticas econômicas de austeridade, submete a classe trabalhadora a condições cada vez mais precárias. Além de retratar a precarização do trabalho, o filme expõe com nitidez a xenofobia e o colapso das redes de solidariedade comunitária. Loach não se limita a criticar a classe política ou o sistema econômico; ele revela como essas políticas impactam diretamente a vida dos mais vulneráveis, especialmente de imigrantes e refugiados, marginalizados em suas tentativas de integração social.

Ao colocar esses grupos em destaque, Loach constrói uma narrativa que denuncia as consequências deletérias do *laissez-faire* econômico e expõe como as promessas de prosperidade se tornaram, na realidade, veículos de exclusão social. A rejeição ao estrangeiro torna-se uma constante na vida cotidiana das comunidades britânicas, enquanto o colapso da solidariedade entre cidadãos ilustra o cenário apocalíptico em que as relações humanas se fragmentam.

A análise do filme é enriquecida pelo pensamento de Byung-Chul Han, que explora a “desesperança” como uma condição natural em tempos de crise e caos. Han discute como, em um mundo repleto de incertezas, a “esperança íntima” pode surgir não como uma grande salvação, mas como uma resposta individual e comunitária ao colapso das estruturas tradicionais.

A crítica convencional à esperança negligencia sua complexidade e tensões internas. A esperança vai muito além da espera passiva e dos desejos. Entusiasmo e *elã* são seus traços fundamentais. Ela é até mesmo ‘um afeto militante’ e ‘hasteia um estandarte’, com uma inerente determinação para a ação. Ela desdobra elasticidade para a ação. É preciso distinguir entre a esperança passiva, ociosa e fraca e a esperança ativa, diligente e forte. A esperança passiva realmente se assemelha a um desejo sem força. (HAN, 2024, p. 28).

Esse conceito aplica-se diretamente à narrativa de Loach, pois a obra sugere que, mesmo em meio ao caos, há oportunidades para novos começos, ainda que esses novos começos sejam frágeis, temporários ou obscenos.

Han convida a refletir sobre como a condição humana responde à adversidade, especialmente em cenários apocalípticos ou em situações de crise estrutural, como as retratadas no filme. Para o filósofo, a crise não é apenas um fim, mas também um espaço de resignificação e transformação. O conceito de “esperança íntima”, portanto, oferece uma leitura crítica da obra de Loach, onde o foco não é uma solução definitiva para os problemas sociais, mas sim a pequena chama de resistência que emerge da solidariedade cotidiana.

O medo e o ressentimento lançam as pessoas nos braços dos populistas de direita, que atijam o ódio. Solidariedade, amistosidade e empatia se deterioram. O medo e o ressentimento crescentes causam o embrutecimento da sociedade como um todo. Isso, em última instância, ameaça a democracia. [...] A esperança, por outro lado, ergue indicadores e sinalizadores dos caminhos. Somente na esperança estamos a caminho. Ela nos dá sentido e orientação. (HAN, 2024, p. 67)

Um dos momentos centrais do filme, e que será explorado ao longo deste artigo, é a proposta de Yara, uma refugiada síria, de transformar o pub local em um espaço de refeições coletivas. A frase “Se você come junto, você permanece junto” simboliza o desejo de recriar laços comunitários em meio a um cenário de isolamento e desintegração social. O pub, anteriormente um espaço de decadência e desespero, torna-se, com a proposta de Yara, um possível local de resistência e regeneração social. A ideia de reunir as pessoas em torno de uma mesa, partilhando alimentos, traz à tona a simplicidade de gestos que podem restaurar a conexão humana, ainda que essa ideia enfrente barreiras na prática.

Esse experimento de Yara, no entanto, não se desenvolve de maneira simples. A implementação do plano revela os preconceitos profundos e as divisões que atravessam a comunidade local. O patriotismo hostil e a resistência ao “outro”, especialmente em relação aos refugiados, são evidentes, e a ideia de Yara é recebida com ceticismo e hostilidade. Contudo, o simbolismo por trás da proposta é poderoso: ela sugere que é nos momentos mais simples, como o ato de comer juntos, que as barreiras começam a ser derrubada

Outro ponto de destaque é o diálogo entre Yara e TJ Ballantyne na catedral de Durham, construída pelos normandos há quase mil anos. “Meu pai dizia que a catedral não era da Igreja Católica, mas dos trabalhadores que a ergueram”, comenta TJ. Yara, por sua vez, reflete amargamente sobre a destruição de antigas construções romanas em Palmira, na Síria, pelo Estado Islâmico.

É nesse diálogo que surge a ideia de que “a esperança é obscena”. A escolha do local para essa conversa, uma catedral, é carregada de simbolismo. Tradicionalmente, as igrejas são vistas como lugares de alento e redenção, mas a conversa de Yara subverte essa noção. Ela afirma que, em um mundo tão fragmentado e desolador, a esperança se torna algo quase herético — uma ideia que não se encaixa mais nas estruturas sociais corrompidas.

Essa “esperança obscena” mencionada por Yara está intimamente ligada às reflexões de Byung-Chul Han, que critica as ilusões de salvação que frequentemente permeiam a cultura contemporânea. Para Han, a esperança autêntica não reside nas promessas ilusórias de um futuro próspero ou nas expectativas vazias que as grandes narrativas frequentemente oferecem, mas na resistência que nasce da adversidade e na capacidade humana de transformar o caos em oportunidade. No contexto do filme, a “esperança obscena” é uma forma de subversão, uma maneira de resistir ao colapso completo sem depender de soluções externas ou transcendentais.

Com esperança, nós nos elevamos acima do pessimamente existente. Nós o perdoamos na expectativa do completamente diferente. O perdão prepara o terreno para o novo, para o outro. A esperança traz uma grande brandura, uma serenidade alegre, até uma profunda amistosidade, pois não força nada. Como Nietzsche corretamente formula, ela é uma disposição orgulhosa e branda. Ter esperança significa estar intimamente pronto para o vindouro. (HAN, 2024, p. 143).

Loach utiliza sua narrativa para denunciar as vicissitudes impostas pelas políticas neoliberais, revelando como essas políticas não apenas destroem as redes de apoio comunitário, mas também criam um ambiente de competição e exclusão que prejudica a própria sobrevivência humana. A obra expõe as contradições do sistema neoliberal, que promete liberdade e prosperidade, mas entrega precariedade e fragmentação social.

A economia de mercado, em sua essência, é desenhada para beneficiar os mais fortes, enquanto empurra os mais fracos para as margens da sociedade. O Último Pub ilustra essa dinâmica ao mostrar como os refugiados e os trabalhadores mais vulneráveis são deixados à própria sorte em um sistema que valoriza o lucro acima do bem-estar coletivo. Nesse contexto, a resistência torna-se não apenas uma escolha, mas uma necessidade de sobrevivência.

Em um mundo fragmentado, O Último Pub sugere que a solidariedade e a comunhão são as únicas formas legítimas de resistência. O filme desafia as noções tradicionais de apatia e desespero, propondo que, por mais frágeis que possam ser, os laços comunitários ainda oferecem uma chance de sobrevivência em meio ao caos. A proposta de Yara, de transformar o pub em um espaço de refeições coletivas, é a manifestação física dessa ideia de comunhão, em que o simples ato de compartilhar uma refeição pode se tornar um gesto de subversão contra um sistema que privilegia o individualismo.

A comunhão, aqui, não é apenas física, mas também simbólica. Ela representa a capacidade de as pessoas se unirem em torno de um propósito comum, mesmo quando o sistema tenta dividi-las. O filme sugere que, embora as soluções tradicionais possam parecer obsoletas, a solidariedade humana ainda tem o potencial de regenerar as relações sociais e oferecer um caminho para a transformação.

Assim como Byung-Chul Han menciona as obras de Anselm Kiefer para ilustrar a transformação da destruição em criação, O Último Pub utiliza a narrativa visual para mostrar como a adversidade pode ser transformada em uma

oportunidade de resistência e renovação. Kiefer, um dos mais renomados artistas alemães do pós-guerra, é conhecido por suas obras que lidam com os temas da destruição e da regeneração, e essa mesma dinâmica pode ser observada na obra de Loach..

A pintura de Anselm Kiefer também incorpora essa concepção de esperança. Suas obras remetem a uma temporalidade densa, marcada por camadas de destruição e regeneração. O deserto, a ruína e o horizonte sombrio que permeiam seus trabalhos não se encerram em uma visão desesperançada. Pelo contrário, é precisamente na aparência do fim que a esperança surge como uma possibilidade. Os vestígios de história e memória são como sementes plantadas em solo árido, onde a esperança aguarda silenciosamente para florescer. (HAN, 2024, p. 24).

O filme apresenta a destruição social causada pelo capitalismo desregulado, mas também mostra os pequenos momentos de criação que surgem dessa desintegração. A proposta de Yara, a ideia de “esperança obscena” e a resistência da comunidade são exemplos de como, mesmo em meio ao colapso, ainda há espaço para a renovação e a regeneração. Assim como as obras de Kiefer transformam o que foi destruído em algo novo, *O Último Pub* sugere que a resistência pode nascer da própria destruição, criando formas de solidariedade e comunhão.

Ao explorar as dinâmicas da precarização, discriminação estrangeira e fragmentação das redes de solidariedade, *O Último Pub* oferece uma crítica incisiva ao estado atual das políticas neoliberais no Reino Unido e no mundo. Em diálogo com as reflexões de Byung-Chul Han, o filme de Loach sugere que, em meio à desesperança, existe uma forma de esperança íntima e subversiva que pode emergir da adversidade. A resistência, embora muitas vezes vista como obscena, torna-se o caminho necessário para a sobrevivência e a transformação social.

O cinema de Ken Loach, assim como as obras de Anselm Kiefer, transcende o entretenimento e torna-se um instrumento de reflexão crítica e resistência cultural. Loach demonstra que, mesmo em tempos de crise, a solidariedade humana e a comunhão ainda têm o poder de regenerar o tecido social esgarçado e oferecer uma saída para o caos.

## **2. TECENDO ESPERANÇA NAS FENDAS DA PRECARIEDADE**

Ken Loach é amplamente reconhecido como uma das vozes mais influentes do cinema social contemporâneo. Sua carreira, que se estende por mais de cinco décadas, tem sido dedicada à exploração de questões como justiça social, precarização do trabalho, exclusão e solidariedade. O compromisso de Loach com as classes trabalhadoras, os marginalizados e as injustiças sistêmicas reflete-se tanto em sua abordagem documental quanto na escolha de temas e personagens que dão voz às experiências daqueles frequentemente ignorados pelo mainstream. Em sua vasta filmografia, Loach expõe as condições de opressão, mas também destaca a solidariedade como uma força subversiva que oferece possibilidades de resistência.

Desde o início de sua carreira, na década de 1960, Loach cultivou uma es-

tética realista que utiliza atores não profissionais, locações reais e um estilo quase documental. Esse naturalismo confere autenticidade às histórias que ele conta, muitas vezes retratando personagens que lutam para sobreviver em condições de extrema adversidade. O filme *Kes* (1969), considerado um de seus primeiros clássicos, retrata a vida de um jovem da classe trabalhadora que, em meio à pobreza e falta de perspectiva, encontra consolo na falcoaria. Esse filme marca o início de sua constante preocupação com os efeitos que os sistemas econômico e educacional exercem sobre a juventude e as classes subalternizadas.

Loach tem sido implacável em sua crítica ao capitalismo selvagem, uma força que ele vê como destrutiva para a solidariedade e o bem-estar da classe trabalhadora. Essa crítica se manifesta com mais força em obras como *Terra e Liberdade* (1995), que aborda a Guerra Civil Espanhola e as divisões dentro do movimento socialista. O filme, ao retratar os ideais de liberdade e igualdade e a subsequente traição desses princípios por facções políticas, explora a fragilidade das alianças políticas em tempos de crise. *Terra e Liberdade* não é apenas um filme de guerra, mas uma reflexão sobre as dificuldades de sustentar uma luta justa em face da opressão e da corrupção ideológica.

Outro exemplo poderoso do engajamento de Loach com a história política é *Jimmy's Hall* (2014), que narra a trajetória de Jimmy Gralton, um ativista comunista irlandês que cria um salão comunitário onde as pessoas podem se reunir para dançar, discutir política e criar um espaço de resistência cultural. O filme mostra como as forças conservadoras e religiosas da Irlanda rural combatem qualquer esforço para estabelecer um espaço de liberdade e expressão popular, revelando as tensões entre a cultura local e os ideais de solidariedade e resistência.

Nos últimos anos, Loach continuou sua crítica ao mercado desumano com obras como *Você Não Estava Aqui* (2019), que aborda a gig economy e a precariedade do trabalho moderno. O filme segue a vida de uma família que se vê envolvida nas engrenagens da economia do trabalho terceirizado e precário, expondo as tensões e o desgaste emocional e físico que esse sistema inflige aos trabalhadores. Ao focar no impacto devastador das condições de trabalho na vida doméstica, Loach questiona a lógica capitalista que coloca o lucro acima do bem-estar humano. A luta de uma família para sobreviver financeiramente, enquanto tenta manter laços afetivos intactos, é uma metáfora potente das tensões que o individualismo desenfreado impõe à vida cotidiana.

Outro marco em sua filmografia é *Eu, Daniel Blake* (2016), filme que lhe rendeu sua segunda Palma de Ouro no Festival de Cannes. A obra retrata a vida de um trabalhador que, após sofrer um ataque cardíaco, é forçado a navegar pelo desumanizante sistema de seguridade social britânico. O filme é uma denúncia mordaz da burocracia estatal, que falha em fornecer apoio real aos cidadãos necessitados, ao mesmo tempo em que humilha aqueles que dependem da assistência pública. A narrativa de *Eu, Daniel Blake* exemplifica a crítica implacável de Loach ao sistema neoliberal, que trata os indivíduos não como seres humanos, mas como números em um sistema que prioriza a eficiência e o corte de custos.

O estilo documental de Loach, sua estética minimalista e a atenção meti-

culosa aos detalhes cotidianos criam uma atmosfera de autenticidade em seus filmes. Ao focar em personagens que estão à margem da sociedade, ele consegue retratar a vida com uma clareza brutal, sem recorrer a sentimentalismos fáceis. Para Loach, a luta por justiça social não se trata de uma narrativa heroica, mas de uma batalha cotidiana, travada por indivíduos comuns em situações extraordinárias.

Um dos aspectos mais marcantes na obra de Loach é seu compromisso com a solidariedade como um antídoto ao individualismo exacerbado promovido pela mercantilização social. Ken Loach, ao longo de sua vasta carreira, tem mostrado que o cinema é um veículo poderoso para expor injustiças sociais e promover a solidariedade como uma forma de resistência. Sua filmografia mantém firme o compromisso de denunciar as consequências perniciosas do ultraliberalismo e de destacar a necessidade urgente de reconstruir os laços comunitários. No cenário contemporâneo de crise social e política, Loach permanece uma voz essencial para a crítica social, e *O Último Pub* é mais uma peça fundamental de sua obra contínua de resistência cinematográfica.

Para Loach, a solidariedade é mais do que uma ideia ou um valor ético; é uma estratégia de sobrevivência em um mundo que aliena e explora. Esse tema é especialmente relevante em *O Último Pub*, que se encaixa perfeitamente em sua filmografia, consolidando sua crítica à desregulamentação predatória e sua ênfase na importância dos laços comunitários. No filme, Loach explora as consequências das políticas neoliberais no Reino Unido, com especial foco nas questões de imigração e exclusão social.

### **3. A CÂMERA QUEBRADA E OS LAÇOS FRAGMENTADOS**

*O Último Pub*, de Ken Loach, apresenta um retrato devastador das tensões sociais e políticas no Reino Unido pós-Brexit, focalizando a precarização do trabalho, o aumento da intolerância cultural e o esfacelamento das redes de solidariedade comunitária. A trama principal se desenvolve em torno do pub de TJ Ballantyne, um estabelecimento que, como tantos outros no interior do Reino Unido, sofre com o declínio econômico e a perda de sua função como ponto de encontro comunitário.

Yara, protagonista de *O Último Pub*, é uma fotógrafa talentosa e refugiada síria, cuja trajetória de vida está marcada por dores profundas e perdas devastadoras. Sua câmera, mais do que uma ferramenta de trabalho, simboliza sua ligação com o passado e sua tentativa de manter vivas as memórias de seu pai, que foi capturado e torturado pelo regime sírio. Para Yara, a câmera representa as lentes metafóricas através das quais ela vê o mundo, sendo tanto um objeto de expressão quanto um elo com as sombras de seu passado e sua busca incansável por justiça.

Logo no início da narrativa, Yara se depara com um ato execrável de preconceito étnico. Um jovem da cidade, movido por preconceito e violência, quebra a câmera de Yara em um gesto que simboliza o desprezo por sua identidade e história. A destruição do objeto, além de refletir a ruptura de um vínculo material,

atinge também sua dignidade e humanidade. Para Yara, esse incidente é muito mais do que a perda de um bem físico; é um ataque direto à memória de seu pai e à própria tentativa de reconstruir sua vida em solo estrangeiro.

Determinada a buscar justiça, Yara recorre a TJ Ballantyne, proprietário do pub, pedindo que ele interceda para que o rapaz responsável pela destruição da câmera se responsabilize pelo ato e repare o prejuízo. TJ, uma figura marcada pelas durezas da vida, simboliza a resistência de uma classe trabalhadora que perdeu seu lugar em meio ao declínio econômico. Embora compreenda a dor de Yara, ele a adverte de que o jovem quebrou a câmera, mas não assumirá a responsabilidade por seus atos odiosos. Em um raro momento de altruísmo, TJ decide arcar com o conserto da câmera, um gesto que tenta atenuar o impacto deletério da situação sem, no entanto, enfrentar as raízes do problema.

A câmera quebrada assume um papel metafórico central, simbolizando o estado de alienação e fragmentação que permeia a vida dos personagens. Para Yara, o objeto é o vínculo entre o passado traumático e a luta pela sobrevivência no presente. Sua destruição não se limita ao dano material, mas reflete uma tentativa de apagar sua idiossincrasia e identidade em um país no qual ela é vista como uma forasteira. O rapaz que quebra a câmera representa o sectarismo e o ufanismo que domíniam as cidades britânicas, nas quais os imigrantes são retratados como ameaças à coesão social. Aqui, a reflexão de Byung-Chul Han sobre a esperança torna-se particularmente relevante:

A esperança mais íntima desperta em meio à mais profunda desesperança. Quanto mais profunda a desesperança, mais intensa a esperança. Não é por acaso que a Elpis (esperança) é representada como filha de Nyx, a deusa da noite. Nyx tem como irmãos: Tartaros, Erebus (escuridão) e Eros. Elpis e Eros são aparentados. A esperança é uma figura dialética. A negatividade da desesperança é constitutiva da esperança. (HAN, 2024, p. 27).

Nesse sentido, o incidente da câmera quebrada e sua posterior tentativa de reparo por TJ refletem a ideia de que, mesmo nas circunstâncias mais desoladoras, a esperança ressurge com mais força. A resistência de Yara em buscar justiça vai além de um simples conserto material; ela busca resgatar a dignidade e reconstruir os laços, mesmo quando tudo ao seu redor parece conspirar contra.

A relação entre Yara e TJ é complexa. Enquanto ele tenta compensar a destruição com um gesto superficial de reparo, Yara busca algo mais profundo: a responsabilização do rapaz e o reconhecimento de sua dor. A recusa do sistema em enfrentar diretamente o racismo e a xenofobia reflete-se na escolha de TJ por uma solução que não confronta as verdadeiras causas do problema. Embora ele tente, de maneira benevolente, mitigar a dor de Yara, seu ato não atinge o cerne da questão.

Esse incidente serve como uma metáfora para a precariedade da vida dos imigrantes, cuja luta vai além da sobrevivência física. Eles batalham pela preservação de sua memória, identidade e dignidade em um contexto social que constantemente tenta apagá-los. Ao decidir consertar a câmera de Yara, TJ tenta, em parte, restaurar esses laços rompidos, mas a reparação oferecida é insuficiente



para sanar as feridas mais profundas. O filme deixa claro que o vínculo entre Yara e a cidade não pode ser restaurado tão facilmente quanto a câmera.

A metáfora da câmera quebrada se desdobra em uma crítica mais ampla às estruturas sociais que, embora por vezes apresentem atos de filantropia, falham em trazer justiça real aos marginalizados. O reparo do objeto por TJ simboliza uma tentativa de reconciliação, mas expõe as limitações de ações benevolentes que não abordam a injustiça sistêmica subjacente. Por fim, Yara emerge como uma figura de resistência obstinada. Inicialmente focada em buscar uma reparação material, sua recusa em aceitar uma solução superficial revela um desejo mais profundo por justiça e reconhecimento. Ela busca algo além de uma reparação financeira: anseia por responsabilização e por uma compreensão mais ampla da dor que carrega.

Yara simboliza as consequências da imigração forçada em um mundo que se fecha cada vez mais para o “outro”. Marcada pelas cicatrizes da guerra, ela luta para encontrar um espaço de pertencimento em um país que a vê com desconfiança. Sua proposta de transformar o pub em um espaço de refeições comunitárias surge como uma tentativa de reconstruir os laços sociais que foram rompidos, tanto em sua terra natal quanto na sociedade britânica.

TJ, por outro lado, representa uma classe trabalhadora britânica profundamente enraizada na cultura local, mas que também está amargurada pelo declínio econômico e pela perda de sua função como espaço de convivência comunitária. Administrando um pub que foi passado por gerações, ele se vê em uma vila devastada pelo desemprego e pela falta de perspectivas, sendo incapaz de resistir, a princípio, às mudanças que o cercam. Sua resistência à ideia de Yara reflete o ceticismo e a desesperança que permeiam a comunidade, mas, conforme a narrativa avança, ele começa a perceber a importância de reconstruir os laços sociais que uma vez uniram a vila.

O filme explora temas recorrentes na obra de Ken Loach, como a precarização do trabalho e o esgarçamento das redes de solidariedade comunitária. No contexto de *O Último Pub*, esses temas se desdobram em meio à nativismo e à exclusão dos imigrantes. O Reino Unido retratado no filme é um país fragmentado por promessas não cumpridas de recuperação econômica e uma retórica política que aponta os imigrantes como responsáveis pelos problemas enfrentados pela classe trabalhadora.

A etnofobia se revela como um elemento central em *O Último Pub*, manifestando-se tanto de forma explícita quanto nas tensões latentes nas interações cotidianas. A presença de Yara na vila é recebida com hostilidade por muitos moradores, que enxergam nela uma ameaça à identidade cultural e econômica da comunidade. Essas tensões refletem um fenômeno fomentado por um discurso político que sugere que os imigrantes são os culpados pelas dificuldades econômicas do país. Entretanto, Loach expõe que o verdadeiro inimigo não são os imigrantes, mas as políticas neoliberais que destroem as redes de proteção social, deixando os trabalhadores à mercê da precariedade.

Outro elemento central na narrativa é a tentativa de resgatar as redes de solidariedade comunitária. O pub, outrora um símbolo de convivência e união, tornou-se um espaço vazio, refletindo o declínio das relações sociais. A proposta de Yara de transformá-lo em um espaço de refeições coletivas simboliza a esperança de que a solidariedade, mesmo em tempos de crise, possa oferecer uma alternativa ao isolamento e à exclusão. Contudo, essa tentativa enfrenta inúmeros desafios, à medida que a resistência ao “outro” e as divisões internas da comunidade continuam a se intensificar.

Conforme apontado por diversas análises, O Último Pub não oferece soluções fáceis. Em vez disso, reflete as contradições de uma sociedade dividida entre o desejo de resgatar o senso de comunidade e a realidade de um mundo cada vez mais fragmentado. O esgarçamento das redes de solidariedade é mostrado não apenas como uma consequência das políticas neoliberais, mas também como um reflexo da perda de confiança nas instituições e na própria capacidade dos indivíduos de se unirem em torno de objetivos comuns.

No final, O Último Pub nos oferece uma visão complexa das dificuldades, mas também das possibilidades, de reconstruir as redes de solidariedade em um mundo que promove o individualismo e a competição como valores dominantes.

Em última análise, O Último Pub é uma obra que, ao focar em personagens como Yara e TJ, revela as dificuldades, mas também as possibilidades, de reconstruir as redes de solidariedade em um mundo no qual o individualismo e a competição foram promovidos como os únicos valores legítimos.

#### **4. PARTILHAR O PÃO, COSTURAR LAÇOS: A MESA COMO RESISTÊNCIA**

A proposta de Yara para TJ Ballantyne de transformar o pub decadente em um espaço para refeições comunitárias é um dos momentos mais emblemáticos de O Último Pub. Yara sugere que o espaço abandonado seja utilizado para reunir a comunidade ao redor de uma mesa, onde todos possam compartilhar refeições. A frase “If you eat together, you stay together” (Se você come junto, você permanece junto) sintetiza o ethos de sua proposta: a crença de que, ao compartilhar uma refeição, as pessoas podem reconstruir laços comunitários esgarçados pelos reveses econômicos, políticos e sociais. Essa proposta, contudo, carrega implicações profundas no que se refere ao papel da solidariedade em tempos de precarização e fragmentação social. O experimento de Yara, embora nobre em sua concepção, encontra barreiras. TJ, um homem endurecido pelas volubilidades da vida, inicialmente reluta em aceitar a proposta.

Yara vê no ato de partilhar refeições uma possibilidade de resgatar o senso de pertencimento e unidade em uma comunidade que, como tantas outras no Reino Unido, se encontra dividida e desestruturada. Sua visão é profundamente simbólica, conectada à ideia de que a comida, além de nutrir o corpo, pode nutrir as relações humanas. Comer juntos, para Yara, é uma forma de recriar uma convivência baseada na partilha, na igualdade e na solidariedade — valores que, em tempos de crise, tendem a desaparecer. A proposta é tanto prática quanto simbólica, pois o pub, outrora um ponto central de encontro da comunidade, foi

reduzido a um espaço de isolamento e decadência, refletindo o estado das relações sociais naquele contexto.

Marcel Mauss, em sua obra clássica *Ensaio sobre a Dádiva*, discute como a troca de presentes, incluindo comida, serve para criar e manter laços sociais, reforçando a solidariedade e as relações de reciprocidade dentro de uma comunidade. Para Mauss, o ato de partilhar comida pode ser interpretado como um presente simbólico que cria obrigações sociais, em que o ato de dar, receber e retribuir estabelece uma rede de trocas que sustenta a coesão social.

Dar é mais do que transferir propriedade. O presente jamais é completamente gratuito; ele cria um vínculo entre o doador e o receptor, um ciclo de reciprocidade que vai além do objeto trocado. O presente cria obrigações: é necessário que o presente dado seja, por sua vez, retribuído, para que o vínculo social se mantenha" (... ) "O alimento, quando dado como presente, carrega consigo um valor que vai além de sua função nutritiva. Ele é o elo de uma rede de obrigações e reciprocidade, pois ao partilhar o alimento, não se partilha apenas a substância, mas também a amizade, a aliança e a paz. (MAUSS, 2003, p. 109/150).

Comer juntos, no contexto de exclusão e segregacionismo, exige não apenas a superação do preconceito, mas também a reconstrução de uma identidade comunitária despedaçada pelas políticas de austeridade e pela retórica nacionalista.

No entanto, essa resistência não se dá sem desafios. O filme sugere que a exclusão social e a fragmentação das redes de solidariedade atingem uma profundidade tal que até gestos aparentemente inofensivos, como dividir uma refeição, são recebidos com ceticismo e hostilidade.

A experiência é sabotada por alguns moradores que, movidos por etnofobia e resistência às mudanças, invadem o local durante a noite e destroem as já frágeis e precárias instalações elétricas. Esse ato de vandalismo, além de ser uma agressão material, carrega um profundo simbolismo: é uma rejeição direta à ideia de partilha e convivência com o "outro".

A destruição das instalações elétricas também reforça a fragilidade dessa iniciativa de resistência. Assim como as redes de solidariedade, o pub, com sua estrutura precária, é vulnerável a ataques e rupturas. A sabotagem evidencia que, em um cenário marcado pela exclusão social e pela desconfiança, mesmo os gestos mais altruístas e benevolentes são enfrentados com hostilidade e violência.

A comunidade em torno do pub reflete essa mesma resistência. Embora o ato de compartilhar refeições traga consigo a promessa de união e regeneração, o filme mostra que os preconceitos e as clivagens internas da comunidade são profundos. A exclusão étnica, o medo do "outro" e a desconfiança em relação aos imigrantes permeiam as reações à proposta de Yara. Muitos enxergam nela não uma oportunidade de ressurgimento, mas uma ameaça à identidade e à coesão cultural da vila. A ideia de Yara de transformar o pub em um espaço comunitário

desafia diretamente o sectarismo que se instalou na sociedade local, evidenciando as tensões entre inclusão e exclusão.

Essa resistência da comunidade, alimentada pela intolerância cultural e pelo medo do “outro”, ilustra como o preconceito pode ser um mecanismo de controle social, fragmentando laços e impedindo qualquer possibilidade de regeneração comunitária. Como observa Han, o medo transforma a sociedade em uma prisão, bloqueando o acesso ao outro e impedindo o florescimento da solidariedade.

O medo é um popular meio de dominação, pois torna as pessoas obedientes e suscetíveis à chantagem. [...] O medo bloqueia os acessos ao outro. O outro escapa à lógica da eficiência e da produtividade como lógica do igual. [...] O medo e a liberdade se excluem mutuamente. O medo pode transformar toda a sociedade numa prisão [...]. A esperança, por outro lado, ergue indicadores e sinalizadores dos caminhos. Somente na esperança estamos a caminho. Ela nos dá sentido e orientação. O medo, por outro lado, torna impossível a marcha. (HAN, 2024, p. 77).

Para Yara, o experimento tem consequências pessoais profundas. Sua tentativa de reconstruir laços comunitários reflete seu desejo de encontrar um novo lar, de criar um espaço ao qual possa pertencer. Contudo, a resistência que encontra revela o quanto sua posição de refugiada a coloca à margem da sociedade. O gesto de tentar unir a comunidade em torno de uma mesa é, para ela, uma forma de resistir à alienação e à solidão que a cercam. No entanto, a rejeição de sua proposta demonstra que a exclusão étnica e o medo do “outro” são forças funestas que impedem a criação de novos laços sociais.

Para TJ, o experimento de Yara acaba por reavivar nele uma centelha de ressurgimento, ainda que de forma ambivalente. O pub, antes símbolo de isolamento, começa a recuperar sua função social. Mas TJ, como muitos da classe trabalhadora retratada por Loach, ainda carrega consigo um profundo ceticismo. Ele, assim como sua comunidade, foi desiludido por anos de promessas não cumpridas e de políticas que favoreceram o individualismo e a competição. O gesto de Yara ressoa com suas memórias do passado, mas também traz à tona suas dúvidas quanto à possibilidade de reconstruir algo que foi perdido.

O maior desafio enfrentado por Yara é justamente a exclusão social que permeia a comunidade. O ato de compartilhar uma refeição, em um cenário de normalidade, seria visto como um gesto de convivência natural. No entanto, no contexto do filme, esse gesto simples se torna um ato de resistência contra as forças do etnocentrismo e da fragmentação social. A resistência que Yara enfrenta ao tentar implementar sua proposta mostra como o tecido social foi dilacerado. O filme destaca que, embora a solidariedade seja vista como uma possível saída para o isolamento e a precarização, a realidade é que o preconceito e o medo do “outro” tornaram essa solidariedade difícil de alcançar.

Em última análise, a proposta de Yara revela a tensão entre a possibilidade de regeneração comunitária e os obstáculos impostos pela exclusão. A tentativa de recriar laços sociais por meio da partilha de refeições é uma metáfora poderosa para a luta por pertencimento e solidariedade em um mundo que se torna

cada vez mais fragmentado. O Último Pub não oferece soluções fáceis, mas sugere que, embora o regionalismo excludente e o isolamento social sejam forças poderosas, há ainda espaço para pequenos gestos de resistência que podem, eventualmente, levar a uma transformação mais profunda.

Ken Loach, ao retratar esse experimento, nos desafia a refletir sobre o que significa, em tempos de crise, partilhar mais do que recursos materiais. Ele nos convida a pensar no que significa partilhar a vida, a comunidade e a responsabilidade pelo outro em um mundo que promove o individualismo como virtude.

Assim como Ken Loach nos desafia a repensar o valor do ato de partilhar em um mundo que privilegia o individualismo, “Cio da Terra”, de Chico Buarque, nos lembra que o verdadeiro fruto da terra só brota através da partilha e do cuidado coletivo: “Afiar a terra, conhecer os desejos da terra... plantar o trigo, colher o pão de cada dia” (BUARQUE; NASCIMENTO, 1977).

Aqui, tal como no filme, a partilha vai além do material e envolve a construção de vínculos comunitários, sugerindo que a vida em comum depende desse ato de solidariedade e cuidado mútuo. A canção, assim como a proposta de Yara no pub, propõe a comunhão com o outro, desafiando o individualismo exacerbado.

## 5. “Esperança Obscena” como Alternativa Paradoxal

O diálogo entre Yara e TJ Ballantyne na catedral é um dos momentos mais simbólicos e profundos de O Último Pub, em que o conceito de “esperança obscena” emerge como uma alternativa paradoxal em um mundo marcado pela exclusão social e pelo colapso das redes de solidariedade. A catedral, um espaço historicamente associado à espiritualidade e à redenção, oferece o cenário perfeito para uma conversa que subverte essas noções tradicionais. Ao colocar a esperança sob a perspectiva de destruição e desolação, Yara desafia a crença de que ela pode ser exclusivamente redentora ou imaculada.

A escolha da catedral como espaço para esse diálogo é carregada de simbolismo. No passado, as catedrais europeias foram construídas não apenas como lugares de adoração, mas como monumentos ao esforço coletivo de uma comunidade que se unia para criar algo maior do que si mesma. TJ menciona: “meu pai dizia que a catedral não era da Igreja Católica, mas dos trabalhadores que a ergueram”, ressaltando o papel dos operários, dos trabalhadores comuns, na edificação de tais monumentos. Esse comentário nos remete ao poema “Perguntas de um Operário que Lê”, de Bertolt Brecht, no qual o poeta questiona quem, de fato, construiu as grandes obras da história:

“Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
Nos livros vêm os nomes dos reis. Arrastaram eles os blocos de pedra? E a Babilônia, tantas vezes destruída,  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?” (BRECHT, 2011, p. 178).

Assim como Brecht questiona a invisibilidade dos verdadeiros construtores de civilizações, o comentário de TJ sublinha que a catedral é um monumento ao trabalho coletivo do povo, e não ao poder clerical ou real.

No entanto, no contexto atual do filme, essa solidariedade comunitária está profundamente fragmentada. A catedral, que antes simbolizava a força da união, agora aparece como um espaço vazio, carregando apenas as memórias de tempos em que o trabalho e o esforço coletivo eram reconhecidos e celebrados. Tanto Brecht quanto Loach trazem à tona a importância de olhar para quem realmente constrói e sustenta a sociedade, destacando o papel dos invisibilizados, seja na história monumental ou nas crises contemporâneas, como as enfrentadas por Yara e TJ.

Enquanto TJ expressa essa conexão com as catedrais como símbolos de trabalho e comunidade, Yara reflete amargamente sobre a destruição de monumentos em sua terra natal, especialmente em Palmira, na Síria, pelos ataques do Estado Islâmico. Para Yara, esses locais sagrados que um dia uniram pessoas também foram destruídos pela violência, o que a leva a questionar o valor da esperança em um mundo que se despedaça tanto física quanto simbolicamente. Esse contraste entre a memória das catedrais como espaços de solidariedade e a realidade da destruição na Síria cria um pano de fundo melancólico para a ideia de “esperança obscena” que logo será discutida.

No diálogo, Yara afirma que “a esperança é obscena”, uma declaração paradoxal que desafia sua imagem tradicional como algo inofensivo ou puramente benéfico. Em um cenário devastado por guerras, hostilidade ao estrangeiro e precariedade, ela sugere que a esperança, quando vista como uma promessa de salvação fácil ou de redenção divina, torna-se quase herética — uma ideia imprópria e inadequada diante da brutalidade do contexto em que vivem.

A “esperança obscena” é, então, uma forma de resistência em meio à desesperança. Não se trata de um ideal ingênuo, mas de uma esperança que encara o caos e a desolação, desafiando promessas ilusórias de salvação vindas do Estado, da religião ou do mercado. Yara não acredita mais em uma redenção que venha de cima, seja por intervenção divina ou por soluções políticas miraculosas. Em vez disso, sua esperança nasce nas fissuras e ruínas, no enfrentamento da exclusão e marginalização que definem a vida dos mais vulneráveis.

A ideia de que “a esperança é obscena” ressoa com as reflexões de Byung-Chul Han, que observa que, em tempos de crise e desumanização, a esperança não pode ser algo puramente redentor ou elevado. Han sugere que ela emerge da própria adversidade: “A esperança mais íntima desperta em meio à mais profunda desesperança. [...] A negatividade da desesperança é constitutiva da esperança” (HAN, 2021, p. 34). O diálogo entre Yara e TJ na catedral, portanto, reflete essa visão de que a verdadeira esperança é forjada nas profundezas da exclusão e da crise, não nas promessas superficiais de redenção.

A escolha da catedral como cenário para discutir a “esperança obscena” também é emblemática, pois inverte a noção tradicional de que a igreja é um

espaço de redenção. Yara, ao expressar sua visão da esperança como obscena, subverte o papel da catedral como lugar de segurança espiritual. Ela sugere que, em um mundo tão desolado, a esperança se torna quase um ato de resistência herética. Não se trata mais de esperar por uma intervenção divina, mas de encontrar meios de sobrevivência e resiliência em meio à destruição.

TJ, por outro lado, representa uma visão mais nostálgica e tradicional da esperança. Para ele, a catedral é um símbolo de trabalho árduo e da capacidade das pessoas de se unirem para construir algo duradouro. No entanto, mesmo ele não pode ignorar o fato de que essa visão de esperança, baseada na união comunitária, foi profundamente fragmentada pelas divisões sociais e pela precarização do trabalho. Ao longo do diálogo, TJ parece começar a compreender que a esperança tradicional que ele conhecia pode não ser suficiente para o mundo que agora enfrenta.

No fim, o diálogo entre Yara e TJ se esquivava de respostas simplistas. O que emerge desse encontro é uma forma de esperança intensamente ambígua. Para Yara, a esperança obscena torna-se a última forma de resistência — que recusa ser exclusivamente redentora ou transcendental. É uma força que encara as realidades da exclusão e marginalização, compreendendo que a regeneração deve surgir das margens e fissuras do sistema.

O conceito de “esperançar”, desenvolvido por Paulo Freire, oferece uma perspectiva complementar à visão de esperança que emerge no diálogo entre Yara e TJ. Para Freire, a esperança não é uma atitude passiva, mas uma ação que implica movimento, luta e transformação. Em *Pedagogia da Esperança*, Freire argumenta que a esperança é um ato de resistência que desafia as condições opressivas e desumanizadoras, impulsionando os indivíduos a lutar pela mudança, mesmo nas situações mais adversas.

Para Freire, “esperançar” vai além do simples ato de “ter esperança”. Ele enfatiza que a esperança não é uma espera passiva por dias melhores, mas uma ação concreta para transformar a realidade. Como ele afirma: “Não posso ser professor sem me pôr constantemente a perguntar, o que faço com a esperança? A esperança que me anima não é uma esperança vã. Pelo contrário, é uma esperança que exige de mim uma ação” (FREIRE, 1994, p. 3).

Esse conceito de “esperançar” ressoa com a “esperança obscena” de Yara, que se manifesta como uma resistência ativa contra a exclusão social e a precariedade. Enquanto a esperança obscena de Yara aceita que a regeneração não pode vir de uma salvação transcendental ou imaculada, a esperança freireana exige a luta constante contra as condições opressoras, buscando criar as condições de mudança, mesmo quando o cenário parece desolador.

Assim, para Yara, a esperança não é um ato passivo de aguardar que as condições melhorem, mas uma luta ativa que se dá nas margens do sistema, nas fissuras da sociedade excludente. Ela não espera uma redenção fácil, mas age, tentando transformar a exclusão em possibilidade de regeneração. Nesse sentido, o “esperançar” freireano complementa a “esperança obscena” de Yara, pois

ambas apontam para a ideia de uma esperança ativa, que desafia as realidades impostas pela opressão e exclusão.

TJ, ao ouvir as palavras de Yara, parece entender que a solidariedade que ele conhecia está perdida, e que qualquer esperança de regeneração deve vir de um lugar inesperado, algo que vai além da nostalgia por tempos passados. A esperança, para eles, não é um ato de passividade ou de confiança cega em uma solução superior. Ao contrário, é uma força de resistência, uma “esperança obscena” que desafia as ilusões de salvação e propõe uma nova forma de lidar com o caos e a exclusão.

## 6. (IN)CONCLUSÃO: CAMINHOS

A jornada traçada por *O Último Pub*, de Ken Loach, revela a brutalidade de um mundo fragmentado pelo capitalismo selvagem, pela xenofobia e pela exclusão social. No entanto, em meio a esse cenário de desolação, emerge uma forma paradoxal de esperança — uma “esperança obscena”, como descrita por Yara. Essa esperança se distancia de soluções redentoras e transcendentais, oferecendo, em vez disso, uma resistência que nasce das fissuras e ruínas de uma sociedade cada vez mais alienada e indiferente.

Esse conceito de esperança dialoga diretamente com as reflexões de Byung-Chul Han, que argumenta que a esperança “mais íntima desperta em meio à mais profunda desesperança” (HAN, 2021, p. 34). Assim como Han sugere que a esperança verdadeira só emerge da negatividade, o filme de Loach nos convida a enxergar que, mesmo no colapso das redes de solidariedade, ainda há espaço para a regeneração — mas esta só pode ocorrer nas margens, no enfrentamento direto do caos e da exclusão.

Essa visão também ressoa profundamente com o discurso final de Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, conhecido mundialmente não apenas por sua trajetória política, mas por sua vida simples e por suas reflexões sobre justiça social, desigualdade e solidariedade. Mujica se tornou uma figura icônica por sua crítica ao consumismo e ao neoliberalismo, sempre defendendo a importância dos valores humanos sobre os interesses materiais. Sua marca global está justamente na defesa de uma vida baseada na sobriedade, na empatia e no compromisso coletivo — valores que ressoam com urgência em tempos de crescente desigualdade e individualismo.

No discurso proferido em apoio à candidatura de Yamandú Orsi à presidência do Uruguai, Mujica retomou esses temas centrais. Suas palavras se articulam profundamente com a narrativa do filme *O Último Pub*, de Ken Loach. Ao destacar a luta contra a desigualdade, Mujica afirma que “a política é a luta pela felicidade de todos, não só dos que têm mais”, ecoando a trajetória de Yara no filme, que tenta transformar o pub em um espaço de convivência e solidariedade. A frase “Se você come junto, você permanece junto”, usada por Yara, reflete a mesma crença de Mujica, na qual a solidariedade e o afeto se tornam atos de resistência frente à desintegração social.



Sua crítica à agenda do mercado total — “o capitalismo transforma tudo em mercadoria, até a própria vida” — reverbera na luta de TJ e Yara contra a precarização do trabalho e a insularidade que afetam a comunidade ao redor do pub. Assim como Mujica denuncia o esvaziamento das relações humanas, Loach mostra em seu filme como o medo do “outro” e a desumanização impedem que novos laços se formem, tornando a resistência uma necessidade cotidiana para aqueles que vivem nas margens.

Mujica também nos lembra que “não nascemos para viver sozinhos, precisamos uns dos outros”, ressaltando a importância de um projeto de sociedade construído com base no afeto e na comunidade. No filme, a proposta de Yara de recriar o pub como um espaço de refeições coletivas não é apenas um gesto simbólico, mas um ato de insurgência contra o isolamento e a fragmentação promovidos pela lógica neoliberal. Essa ação reflete a crença de Mujica na força regeneradora da convivência e na construção de laços humanos como resistência ao individualismo.

O discurso de Mujica articula ainda a esperança como um princípio ativo de transformação. “A luta não é só pelo que temos, mas por um mundo melhor” reflete a esperança obscena de Byung-Chul Han, presente tanto no filme quanto no discurso de Mujica. Em *O Último Pub*, Yara e TJ persistem em meio à adversidade, criando um espaço de solidariedade e de resistência silenciosa contra a desumanização.

Por fim, Mujica reforça que “a única derrota que podemos aceitar é não lutar”, frase que condensa as pequenas resistências diárias que permeiam o filme de Loach. Assim como no pub, onde comer junto se torna um ato de insurgência contra o medo e a fragmentação, Mujica nos lembra que são os gestos cotidianos de solidariedade que mantêm viva a chama da esperança. Em tempos de crise e incerteza, tanto o filme quanto o discurso de Mujica e as reflexões de Han apontam para a necessidade de uma resistência constante, em que “as causas permanecem” e a esperança se renova a cada novo gesto de solidariedade e comunhão.

A conclusão inevitável é que tanto o filme quanto as reflexões de Han e Mujica apontam para a necessidade de uma esperança ativa, ou, como Paulo Freire diria, de “esperançar” — uma esperança que não se limita a aguardar dias melhores, mas que exige ação concreta e resistência contínua para transformar a realidade. Em um mundo marcado pela exclusão, pela precariedade e pelo medo, essa esperança obscena e ativa, forjada nas margens, é o único caminho legítimo para a sobrevivência e a transformação social.

No entanto, como Loach, Han e Mujica nos lembram, esse caminho é incompleto e inconcluso. A luta por justiça, dignidade e solidariedade é interminável, e a esperança, mesmo que obscura e marginal, deve ser renovada a cada queda e a cada fracasso, como uma resistência constante contra a desesperança e o ódio.

Tal como uma luz tênue que tremula ao vento, a esperança no mundo de

O Último Pub não se apresenta de forma gloriosa ou triunfante. Ela não brilha nas catedrais, nem se ergue altiva como os monumentos de outrora. Ao contrário, a esperança aqui se esconde nas ruínas, nos cantos obscuros, nas mesas vazias de um pub em decadência, onde se compartilham não só as refeições, mas os fardos da existência. Ela é uma “esperança obscena”, nascida nas margens da desolação, ressoando com as palavras de Byung-Chul Han, que nos lembra que “a esperança mais íntima desperta em meio à mais profunda desesperança” (HAN, 2024, p. 24). Assim, é no caos, na adversidade e na exclusão que essa esperança encontra sua força.

Como as mãos calejadas dos trabalhadores invisíveis que construíram catedrais e ergueram monumentos sem nome, essa esperança, paradoxal e frágil, é tecida nos atos simples, como o gesto de comer juntos. A proposta de Yara, ao tentar transformar o pub decadente em um espaço de comunhão, não é apenas um convite para dividir o pão, mas para resistir à fragmentação de um mundo em que o individualismo e a indiferença imperam. Em tempos de crise, partilhar uma refeição se torna um ato de insurgência, desafiando as forças funestas que separam e desumanizam.

Como um eco distante, o discurso de despedida de Pepe Mujica no Senado uruguaio nos lembra que a vida é feita de pequenas vitórias, de gestos contínuos de resistência. Durante esse discurso, Mujica afirmou: “Triunfar na vida não é ganhar, mas levantar-se e começar de novo cada vez que se cai.” No universo de Ken Loach, a vitória não está nas grandes transformações, mas nas tentativas incansáveis de manter vivo o espírito da solidariedade em meio à escuridão. Essa visão de Mujica encapsula a filosofia de resiliência e resistência presente nas obras de Loach, onde os pequenos gestos cotidianos se tornam atos de subversão e esperança.

No fim, tal qual uma catedral vazia que ainda guarda a memória das mãos que a ergueram, o pub de TJ e Yara se torna um espaço de reconstrução, não de muros físicos, mas de laços humanos. Porque, como bem sabemos, “Se você come junto, você permanece junto”. É nesse ressoar silencioso que a esperança obscena se faz presente — uma chama que teima em não se apagar, mesmo quando tudo ao redor parece conspirar para seu fim.

Afinal, como disse Mujica, “as causas permanecem”, e o caminho da resistência é sempre feito de passos pequenos, porém obstinados — uma “esperança obscena” que persiste nas margens, recusando-se a desaparecer, mesmo quando tudo ao redor parece conspirar contra ela.

## REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. Poemas 1913-1956. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BUARQUE, Chico; NASCIMENTO, Milton. Cio da Terra. In: BUARQUE, Chico. Meus caros amigos. [S.l.]: Philips, 1977. 1 disco sonoro (LP), 33 1/3 rpm, estéreo.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

LOACH, Ken. O Último PUB [The Old Oak]. Produção: Rebecca O'Brien. Direção: Ken Loach. Reino Unido, 2023.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

MUJICA, J. Discurso proferido durante ato da campanha de Yamandú Orsi. Montevideu, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWcr8ZhhyEY>. Acesso em: 21 out. 2024.

\_\_\_\_\_. Último discurso no Senado. Montevideu, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.lr21.com.uy/politica/1426300-pepe-mujica-despedida-ultimo-discurso-senado-uruguay>. Acesso em: 21 out. 2024.